



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA:  
ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense  
20 a 24 de Outubro de 2019  
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5379 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)  
GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

Trabalho e escolarização no curso de vida de jovens pobres no Rio de Janeiro  
Ana Karina Brenner - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Paulo Cesar Rodrigues Carrano - UFF - Universidade Federal Fluminense  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Faperj, CNPq

## Trabalho e escolarização no curso de vida de jovens pobres no Rio de Janeiro

### Resumo

Investigar cursos de vida de jovens significa enfrentar o desafio de compreender as idades não apenas como fases biológicas, mas também como representações e campos de disputas simbólicas atravessadas pelas especificidades de vida em diferentes lugares sociais. Passa por compreender processos de individualização social e vetores de unificação dos padrões socializadores de um mundo que se tornou simultaneamente globalizado e excludente. Trataremos de processos de entrada de jovens pobres na vida adulta tendo como vetor principal a relação escola-trabalho. A base empírica de nossas reflexões se constitui dos dados quantitativos e qualitativos de pesquisa realizada com jovens estudantes de escolas de ensino médio na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2013 e 2015. A partir de survey obtivemos um quadro síntese de trajetórias de escolarização, posições sociais, experiências laborais e familiares, entre outras, que dão objetividade aos cursos de vida. Narrativas de dois jovens são apresentadas e interpretadas numa busca por evidenciar dimensões subjetivas dos cursos de vida.

**Palavras-chave:** Jovens; Individualização; Curso de vida; Educação de Jovens e Adultos

### Jovens diante do desafio biográfico

Ao mesmo tempo em que a maioria dos jovens necessita superar as precariedades objetivas que se interpõem em suas vidas, em especial aqueles dos setores mais empobrecidos de nossas sociedades, são convocados a produzir suas próprias subjetividades em condições de poucos suportes materiais e simbólicos. Os riscos sociais são produzidos em escala de crise sistêmica, porém, estes recaem sobre coletividades específicas e corpos individuais. Jovens são responsabilizados pelas próprias escolhas feitas em condições de gritantes restrições produzidas por um quadro estrutural de desigualdades, crises econômicas cíclicas e limitações socioespaciais e culturais que herdam de suas famílias e que dificultam ou mesmo impedem que estes se beneficiem das promessas de bem-estar das sociedades de consumo.

As singularidades observadas nos cursos de vida se inscrevem em regularidades sociais que não se apresentam por antecipação, mas precisam ser inventariadas em seus contextos específicos de realização. Em que pese os diferentes arranjos possíveis e não mais lineares de transição para a vida adulta, são muitas também as estratégias pessoais de autonomização no contexto de sociedades com altos graus de individualização da vida social, maior margem de autonomia de produção de si e contextos graves de insegurança e incerteza frente ao futuro. Os jovens, diante deste *modelo biográfico* (Beck, 2010) de uma sociedade de risco, necessitam ser sujeitos ativos na construção de biografias socialmente inscritas em condições objetivas e produtoras de constrangimentos pessoais para a realização de suas escolhas.

Torna-se difícil mensurar os pesos relativos das escolhas biográficas frente às reais, e na maioria das vezes escassas, "estruturas de oportunidades" (Filgueira, 2001) providas pelo Estado, o mercado ou a sociedade. Da mesma forma não há um padrão para que se possa reconhecer de antemão a institucionalização dos cursos de vida e suas regularidades nos processos de individualização social. Este é um esforço contínuo que deve ser empreendido pelos diferentes campos de investigação.

### Singularização dos cursos de vida

Os suportes para que os jovens possam realizar suas transições tornaram-se mais tênues, com fortes disjunções entre as redes institucionais. Exemplo disso seria a disjunção entre a escolarização, e a formação universitária, em especial, e o acesso aos postos de trabalho. Camarano (2004), analisando dados demográficos nacionais de 1982 a 2002, aponta a tendência de transições não lineares para a vida adulta no Brasil, podendo os filhos virem antes do casamento e o casamento antes da inserção no mercado de trabalho, por exemplo. Diferentes estudos no campo da juventude (Pais, 2001; Sposito, 2005; Reguillo, 2013; Calvo, 2005; Leccardi, 2005) apontam para um quadro societário de instabilidade e insegurança que incide fortemente sobre a capacidade de tornar previsíveis os cursos de vida.

Bois-Reymond (2008:57), em estudo comparativo sobre parentalidade, agência e mudança social entre jovens europeus, ressalta a convergência de análises sociológicas que reconhecem a transformação do ciclo de vida padrão dos jovens para o que denominou como "biografias individualizadas". A atual geração jovem é confrontada com as mudanças sociais e sofre com a falta de modelos para lidar com essas mudanças.

Carreiras educacionais prolongadas levam a períodos cada vez mais longos da juventude e atrasam a aquisição do status anteriormente bem definido da idade adulta com os marcadores de independência econômica e papéis familiares recém-adquiridos como mães e pais. Desta forma, o curso da vida juvenil não é mais estável, mas reflete as turbulências das sociedades. É neste sentido, que a metáfora de "cursos de vida ioiô" se torna adequada para descrever essa situação. Os jovens experimentam situações que os fazem não se sentir atores na tomada e gestão de suas vidas, notadamente naquilo que diz respeito ao acesso ao mercado de trabalho e à livre escolha de ocupação e horário de trabalho. Muitos jovens não podem levar uma vida independente com renda suficiente para pagar por moradia.

Na Europa, enfatiza Bois-Reymond (2008), jovens pertencentes à minorias étnicas sentem mais fortemente os

mecanismos de seleção social em sistemas educacionais e mercados de trabalho segmentados. Esses jovens passam a depender de suas famílias e parentes, são levados a exercer trabalhos mal remunerados, inseguros e irregulares na esperança de um futuro melhor. O capital social expresso em redes de relacionamentos que oferecem suportes é crucial para isso: os jovens que têm acesso a esse recurso são os que encontram melhores oportunidades e se sentem mais responsáveis por suas vidas.

### Juventude, escolarização e trabalho

Desde a crise mundial dos anos 1970 que marcou a desestruturação do mundo do trabalho, ou aquilo que Ulrich Beck (2010) denominou como despadrãoização do trabalho assalariado, os mercados deram respostas interessadas frente às suas necessidades de manutenção da lógica de maximização dos lucros em benefícios privados na relação entre capital e trabalho. O estado e as múltiplas instituições sociais, contudo, não geraram os suportes suficientes para apoiar os trânsitos dos jovens dos setores empobrecidos da sociedade rumo à vida adulta. Em sociedades onde o trabalho se tornou flexível, mas também precário e desprotegido, em contextos de vida e trabalho em que a noção de progresso e carreira desaparecem e garantias sociais não mais se impõem como um imperativo de conquistas de classes e organizações de trabalhadores, o campo da inserção laboral torna-se cada vez mais incerto e individualizado. Os intensos processos de terceirização da força de trabalho, da diminuição da relevância dos sindicatos e da predominância nos mercados das empresas de intermediação da força de trabalho dão o tom desse processo de fragmentação do campo laboral.

É inegável o lugar do trabalho na constituição da vida social e das individualidades. Contudo, é evidente que o mesmo já não possui o papel integrador que assumiu em outros momentos da história das sociedades, notadamente as urbanas. A identidade do trabalho se articula com outras dimensões societárias quer sejam de gênero, raça, geração ou território e cultura. Algumas características que emergem dos estudos sobre a relação entre os jovens e o trabalho assinalam que essas outras referências se manifestam no quadro da fragilização do lugar do trabalho e dos diplomas profissionais na constituição do “ser trabalhador”. E neste quadro é possível apontar como elementos dessa indeterminação identitária o peso da informalidade, da desproteção no campo dos direitos, da indeterminação das trajetórias não mais previsíveis tal como denotava o sentido de “carreira”, a pluriatividade e a heterogeneidade de atividades, quer seja por alternância ou concomitância em jornadas diárias, semanais ou mensais. Soma-se a isso a forte atração dos espaços-tempo do consumo e dos sentidos culturais do agir individual e coletivo nos tempos livres na produção das subjetividades juvenis.

Os jovens das classes populares empreendem uma dura e desprotegida luta que combina trabalho e permanência na escola. Contudo, é preciso dizer que neste quadro de crescentes incertezas e de diminuição das margens de previsibilidade de futuro, jovens, ainda que não renunciem à escola, desconfiam da força dos diplomas e da validade dos saberes escolares formais na busca pelo trabalho.

Diante dos imperativos da superação de necessidades objetivas e de construção do próprio campo de autonomia, a “fabricação de si” ocorre em campo de fortes interdições econômicas e simbólicas que tendem a ser agravadas quando há ausência de suportes na forma de políticas públicas estruturantes e efetivas para a realização da travessia entre os mundos da família, da escola e do trabalho.

### Uma pesquisa sobre escolarização e cursos de vida [1]

No ano de 2013 realizamos *survey* em 14 escolas de ensino médio da rede pública estadual, localizadas em quatro zonas da capital do Rio de Janeiro [2]. Foram aplicados 593 questionários a jovens, numa amostra não probabilística, selecionada a partir de critérios pessoais a respeito dos elementos que são mais representativos na população (Costa Neto, 1977, p. 45). Desta forma, tem-se estudo de caso cujos dados produzidos não permitem generalizações mas proporcionam informações significativas para a identificação da dinâmica do perfil dos estudantes jovens que apresentam, em suas trajetórias escolares, distorções idade-série e que permitiriam ser cotejadas com outros contextos assim como com a fase qualitativa da pesquisa (entrevistas narrativas e dispositivos reflexivos fotográficos).

Dos 593 jovens respondentes, 61,6% estudavam na modalidade Educação de Jovens e Adultos [3] e 36,9% no Programa Autonomia [4], considerados pelo sistema escolar estadual como sujeitos em defasagem idade-série.

O instrumento do *survey* consistiu de um questionário estruturado, autoaplicável, com questões fechadas e algumas poucas abertas para livre resposta dos entrevistados, totalizando 85 questões. Os critérios de ética, consagrados para a pesquisa científica, foram respeitados assim como foi assegurada a confidencialidade dos dados.

A partir das tabulações e análises do *survey* foram elencados alguns perfis recorrentes de estudantes e, a partir destes, foram selecionados – entre os jovens que ao final do questionário responderam positivamente ao convite a participar de uma nova etapa da pesquisa com entrevistas – 20 jovens para a segunda etapa, qualitativa orientada para a escuta biográfica.

Apresentamos abaixo os dados mais gerais do perfil dos jovens entrevistados no *survey* e, em seguida, especificidades do curso de vida de dois jovens acompanhados neste processo de pesquisa.

No perfil dos jovens que responderam ao questionário foi observado equilíbrio entre os sexos, 51% são homens e 49% mulheres. As faixas etárias estão distribuídas entre 15 e 17 anos (1,2%); 18 a 24 anos (84,8%) e 25 a 29 anos (14%). A maioria se intitula como parda 41% e preta 20%, somando 61% de negros. Os que se consideram brancos são 26%, os indígenas 3% e os amarelos 5%. A média nacional da população é de 53% de negros e 45,4% de brancos.

Nesta pesquisa, 16,8% dos jovens tinham renda familiar de até um salário mínimo. E 29% tinham renda familiar que variava entre 1 e 2 salários mínimos mensais. As famílias eram compostas por 4 pessoas, em média.

Em análise por cor da pele, verificou-se diferenças de renda média entre brancos e negros, 25% dos jovens negros vivem com até um salário mínimo em comparação a 19,4% dos brancos que recebem a mesma quantia. Dos jovens negros, 68% viviam com até dois salários, enquanto 56% dos brancos viviam com a mesma renda. Os dados apontam que apesar dos jovens serem, em média, de baixa renda, os negros se encontram em situação econômica ainda inferior quando comparados com os brancos.

Há um cenário de debilidade econômica, que se reproduz dentro da própria família, e atinge mais fortemente aos jovens negros e que tende a incidir negativamente sobre a disponibilidade de dedicação à vida escolar.

A pesquisa obteve dados críticos em relação às diferenças de sexo, idade, trabalho e renda. Dentre os que nunca trabalharam 13% são homens e 20% mulheres. As mulheres da pesquisa começaram a trabalhar mais tarde e são pior remuneradas em comparação com os mesmos trabalhos realizados por homens. Mais da metade dos jovens que trabalham (61,5%) recebem até um salário mínimo, já os homens que recebem a mesma remuneração são 39%. A faixa de dois a cinco salários mínimos contempla o sexo masculino com 6,4% e o feminino com 3,4%.

Dos entrevistados que declararam trabalhar e estudar em algum momento de suas trajetórias escolares, 30% abandonaram a escola no ensino fundamental. Quase 5% dos entrevistados responderam ter começado a trabalhar com menos de 10 anos, 21% o fizeram entre 10 e 15 anos e 41% entre 16 e 18 anos. Tais dados permitem pensar acerca dos

entaves, ainda grandes, para a erradicação do trabalho infantil e a proteção do trabalho de adolescentes no Brasil, de forma que a necessidade de trabalhar de crianças e adolescentes pobres não se constitua num obstáculo a? escolarização.

No ensino médio, o impacto de ter trabalhado e estudado sobre a categoria abandono foi emblemático. Dos que já trabalharam e estudaram, 58,1% nunca abandonaram os estudos; para aqueles que nunca trabalharam, 74,6% nunca abandonaram. O percentual de quem trabalha e estuda e? relativamente proporcional na repetência em relação aos que não trabalham.

Entretanto, para o abandono há diferenças. Aqueles que trabalham e estudam enfrentaram mais dificuldade de permanecer na escola. Indagados a respeito dos motivos do abandono 34,7% dos respondentes apontaram o trabalho como o principal responsável, sendo esta a resposta mais frequente.

O retorno a? escolarização parece representar para os jovens da EJA um momento singular de retomada dos sentidos da escola, os quais se alimentam de sonhos e projeções futuras. As experiências vividas em outros espaços e momentos possibilitam a esses jovens compreender a importância da escola, de seus códigos e linguagens, para melhor se situarem na sociedade.

### Os cursos de vida de Antonio e Fernanda [\[5\]](#)

Apresentamos aqui duas experiências narradas por jovens em entrevistas biográficas realizadas em 2014 e nos acompanhamentos cotidianos e dispositivos reflexivos fotográficos utilizados em etapa de pesquisa realizada em 2015. O roteiro das entrevistas foi personalizado, elaborado a partir das respostas dadas no questionário. O que se buscava com as entrevistas era aprofundar a perspectiva de uma sociologia reflexiva (Melucci, 2005) adotada como pressuposto teórico e metodológico. Neste sentido, a personalização do roteiro pelo conhecimento prévio de trajetórias de vida obtidas pelas respostas ao questionário permitiram diálogo entre entrevistador e entrevistado que mais rapidamente chegasse às questões centrais do curso de vida dos jovens sem tipificações ou questões de interesse geral que estivessem à margem da experiência de cada um. A proposta do uso de dispositivo fotográfico (fotografar aquilo que poderia representar o vivido) também permitiu aprofundar a perspectiva reflexiva; contar sobre as fotografias produzidas colocou os jovens diante de suas próprias histórias, contando para si mesmos no contexto de escuta dialógica dos pesquisadores acontecimentos relevantes em suas vidas e como os haviam vivido.

O princípio de entrevista dialógica adotado na pesquisa está ancorado naquilo que La Mendola (2009) definiu como um processo de dar vida à entrevista, ou seja, trata-la não apenas como coleta de dados ou recolhimento de discursos mas principalmente considera-la uma relação de qualidade entre pesquisador e pesquisado. Esta perspectiva empreende um modo particular de relação de escuta e apreensão de representações e relações sociais que não abre mão de conhecer os quadros societários de referência dos entrevistados. A entrevista dialógica não é prescrita para todos e da mesma forma. Ela se apresenta de maneira diferente de pessoa a pessoa porque promove a busca da consciência de si e a reflexão sobre a própria existência. Há, então, o que se poderia chamar de um jogo de centramento – preocupações de pesquisa – e abertura – espaço para a narratividade na *aventura* de escutar o outro.

As análises que serão feitas a seguir seguem orientação metodológica assentada em tradição que se preocupa em manter articuladas as dimensões subjetivas e objetivas dos conteúdos narrados (Alexander, et.al., 1987; Pais, 2005; Dubar, 1998).

São dois os nossos analisadores centrais na busca de compreender as experiências narradas: *provas e suportes existenciais* (Martuccelli, 2007a). *Provas* são compreendidas no sentido de desafios sociais enfrentados pelos indivíduos em seus processos de individuação ou produção de si; são socialmente produzidas e desigualmente distribuídas. E os *suportes* são a relação entre recursos subjetivos que os indivíduos conseguem articular para que se sustentem a si mesmos e ao entorno social existente na forma de redes e apoios materiais e simbólicos; um suporte não se define, então, apenas como um apoio material, pode ser expresso numa relação afetiva ou uma representação – um personagem literário, por exemplo – que contribua para apoiar o indivíduo na tarefa de sustentar-se no mundo.

Antonio, negro, tinha 24 anos e morava com a mãe no momento da entrevista (2014). cursava o quarto e último módulo da EJA (ensino médio) numa escola do extremo da zona oeste, bairro de Santa Cruz, no município do Rio de Janeiro. Trabalhava como pedreiro por empreitada. Na infância morou no bairro de Santa Teresa, centro da cidade e a mudança para Santa Cruz representou para o jovem isolamento e limitação das possibilidades culturais, de deslocamento e acesso à cidade e suas oportunidades. Sem saber quem era seu pai, cresceu com a mãe que trabalhou a maior parte da vida como empregada doméstica. Ele era o quarto de uma família de sete irmãos. Passou a trabalhar junto com os irmãos mais velhos ainda aos 7 anos de idade e aos 9 anos fugiu de casa pela primeira vez e iniciou ciclo de alternância entre vida na rua e retorno para casa. Afirmou ter fugido por não suportar as pressões da conciliação de trabalho com escola e as precárias condições familiares. Na rua encontrava o que para ele representava liberdade. Depois de trabalhar ensacando compras em mercado e vendendo doces na rua, Antonio também trabalhou como porteiro e como vendedor em lojas, mas foi na construção civil que se viu realizado. Para ele, “é muito mais recompensador ter a sensação de que você está construindo alguma coisa”. Entre repetências e abandonos concluiu o ensino fundamental aos 19 anos de idade e fez, adicionalmente, curso técnico de pedreiro (onde aprendeu também a projetar edificações). Ele diz que teve a primeira experiência na construção civil aos onze ou doze anos, ajudando um vizinho e em seguida um irmão. Diz também que começou a trabalhar na obra porque, nesta idade, a timidez e a vergonha passaram a dificultar o trabalho na rua. Encanta-se com a possibilidade de projetar sua própria moradia (que está construindo com a ajuda de amigos) e que outros construam coisas a partir de seus projetos. “Destruir é fácil, construir é que é interessante”. Narra experiências de racismo, especialmente na escola, e a demora em compreender que o lugar de menos valia em que era reiteradamente colocado expressava este traço marcante da sociedade brasileira. Afirmou que ao compreender os sentidos do racismo passou a ter mais condições de se defender ou adotar posturas de indiferença frente aos agravos produzidos pelo lugar de subalternidade que a violência simbólica do racismo institui. Ainda na escola de educação infantil encontrou nos trabalhos manuais e de artes formas de expressão de sua sensibilidade que, segundo ele, se revelaram como antídoto ao mundo do trabalho infantil e do sentimento de abandono expresso por ser o 4º de 7 filhos: “é muito difícil uma mãe dar atenção a todo mundo tendo 7 filhos”. Na juventude encontrou no desenho sua expressão artística mais consistente. Todos os seus grafismos carregam suas iniciais – ANG – que, segundo ele, seriam uma forma de evidenciar sua identidade.

Fernanda, branca, tinha 21 anos no momento da entrevista (2014) e morava com o companheiro e o filho de 5 anos em uma casa alugada numa favela no centro da cidade do Rio de Janeiro. Trabalhava durante o dia num emprego formal com carteira assinada e estudava à noite no penúltimo módulo da EJA (ensino médio). O companheiro ficava com o filho para que pudesse estudar à noite. Aos 14 anos foi expulsa de casa pelo pai quando este descobriu que ela estava namorando; foi morar com uma tia em Jacarepaguá, bairro distante do centro da cidade, em casa de madeira de precárias condições estruturais. Para ajudar com as despesas na casa da tia começou a trabalhar à noite/madrugada num trailer de cachorro quente, largando os estudos pois se cansava muito com o trabalho noturno. Lembra-se do dia em que decidiu não mais estudar: “o aluguel estava atrasado e eu estava muito cansada por fazer hora extra. Decidi aumentar minha carga horária de trabalho e deixar de estudar. A escola ia me ajudar, mas no futuro, naquele momento eu precisava do trabalho”. Sofreu inúmeras agressões físicas por parte do pai, com idas e vindas da casa dos pais desde que foi expulsa aos 14 anos. Fernanda afirma que a mãe nunca interveio em seu favor e, segundo ela, a única maneira de livrar-se em definitivo da violência doméstica seria engravidando pois seu pai a colocaria definitivamente para fora de casa. Contudo, apanhou

também do companheiro com quem morava e de quem engravidou aos 15 anos de idade. O filho nasceu quando ela tinha 16 anos e já morava sozinha, trabalhava para sustenta-lo e a mãe a ajudava clandestinamente, sem que o pai soubesse. A ausência de suportes familiares e de políticas públicas de cuidados com o filho dificultavam sobremaneira as possibilidades de retomar os estudos. Trabalhou de faxineira e de garçonne até receber oferta de emprego em uma empresa de comunicação naval, momento de inflexão em sua vida. O trabalho a estimulava a estudar, a falar corretamente, a aprender e buscar conhecer coisas que nunca havia imaginado existir. A partir deste posto de trabalho formulou novos planos: concluir a educação básica (ainda cursava o ensino fundamental quando começou neste trabalho) e chegar à universidade, cujos estudos eram estimulados por seus empregadores. Fez o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio - mas não foi aprovada afirmando que a escola não havia dado condições suficientes para tal e ela por meios próprios igualmente não havia tido condições de se preparar suficientemente. Ao longo do tempo de sua participação na pesquisa Fernanda demonstrou ter sempre planos alternativos para si. Comprou, com financiamento público, um apartamento em prédio ainda em construção fora de área de favela, pretendia fazer curso de comissária de bordo e buscava crescer profissionalmente na empresa aproveitando as oportunidades oferecidas. Com a máquina fotográfica dada pela equipe de pesquisa Fernanda fotografou uma copa, representando seu trabalho como doméstica, e também várias portas de casas em que morou e lugares em que trabalhara. Falou da emoção de quando esteve pela primeira vez diante da porta de seu atual trabalho que muito representa no sentido de superação das tantas provas já enfrentadas em sua vida.

#### *A prova comum de trabalhar e estudar*

Ser levado a trabalhar ainda na infância ou começo da adolescência é um desafio persistente para os jovens pobres brasileiros. O Brasil tinha, segundo a PNAD contínua de 2016, 1,8 milhão de crianças e adolescentes entre 5 a 17 anos trabalhando, dentro de uma população de 40,1 milhões nessa faixa etária. A legislação brasileira permite o trabalho a partir dos 14 anos na condição de aprendiz ou em empregos formais não perigosos mas a maioria não se encontra nestas condições o que também configura trabalho infantil.

Antonio enfrentou tal desafio ainda aos 7 anos de idade na companhia dos irmãos mais velhos. Fernanda enfrentou sozinha tal desafio no trabalho noturno aos 14 anos. Para ele o trabalho tinha por objetivo ajudar nas despesas domésticas; para ela o objetivo era sustentar-se com autonomia mesmo coabitando a casa da tia e depois morando sozinha e com um filho.

Para Antonio o trabalho como pedreiro, mesmo precário lhe assegura uma identidade “criativa”, a possibilidade de construir algo é muito valorizada por ele; poder, pelas próprias mãos, construir a própria casa. Mas as relações e condições de trabalho não lhe são favoráveis. Ganhar pouco pelo trabalho que ele muito valoriza é decepcionante, enfrentar-se com empregadores que atrasam pagamentos ou não pagam os valores combinados é indignante.

Fernanda conquistou um trabalho que tem lhe assegurado estabilidade, mobilidade social, ganho de capitais culturais, sociais e econômicos. Ela diz que se espantou com a oportunidade de trabalho visto que apenas pessoas muito qualificadas trabalhavam naquele lugar e ela ainda cursava o ensino fundamental e falava cometendo muitos erros de português. Mas enfrentou o desafio de aprender no trabalho, através dele e em nome dele.

Ambos abandonaram a escola ainda no ensino fundamental e tais trajetórias expressam condição destacada nos dados quantitativos da pesquisa: 35% de todos os respondentes haviam abandonado os estudos no ensino fundamental ao experimentarem a concomitância de estudo e trabalho. Os dados nacionais de escolarização da população brasileira indicam que 51% (fonte) da população com mais de 25 anos não concluíram o ensino fundamental. Sabe-se que o abandono da escola é fator mais determinante de não conclusão da escolarização básica do que as repetências. O retorno à escola empreendido por estes jovens que destacamos denota o esforço de busca por superação dos condicionantes estruturais que levam ao abandono e a importância da política pública de EJA na oferta escolar que permite o reingresso destes.

As respostas obtidas no survey reforçam o quanto a articulação entre os estudos e o trabalho continua a ser uma tarefa difícil de ser realizada, notadamente aos jovens pobres para quem o trabalho significa sobrevivência e não apenas formação para a vida como ocorre entre jovens de classe média e das elites brasileiras. Entretanto, os significados de tal relação na experiência dos jovens precisam ser problematizados. Parte significativa dos sujeitos investigados vê essa conciliação não necessariamente como algo negativo. Entre os respondentes, 17,3% disseram que essa conciliação possibilitou crescimento pessoal e 2,3% responderam que só conseguiram retornar aos estudos porque estavam trabalhando.

#### **Conclusão**

A sociedade se vê atravessada por processos societários inéditos como consequência de mutações de natureza global. Um tempo histórico de *aceleração temporal* estaria criando uma *nova juventude* (Leccardi, 2005). Essa se desenvolveria em contextos de novas alternativas de vida apresentadas pelo desenvolvimento científico-tecnológico e novos padrões culturais nos relacionamentos entre as gerações. Há riscos e incertezas provocados por um processo de globalização marcado pela desigualdade de oportunidades e pela fragilização dos vínculos institucionais. A velocidade contemporânea tem consequências marcantes, não só para a vida das instituições, mas também para a construção das biografias, ambas forçadas a uma contínua mistura.

A noção de curso de vida com a qual trabalhamos permitiu o estabelecimento de interfaces entre posições sociais expressas em pontos objetivos e demarcadores de percursos biográficos e material narrativo de indivíduos que expressam dimensões subjetivas de suas experiências. Os quadros demográficos de escolarização, trabalho e renda aliados aos dados primários do survey de nossa investigação demarcam tanto as posições sociais ocupadas pelos jovens brasileiros quanto as provas em comum enfrentadas no espaço-tempo da juventude. As experiências narradas por Antonio e Fernanda singularizam as referidas posições objetivas; são biografias que esclarecem contextos. Tais narrativas não pretendem representar conjuntos populacionais. São, antes de tudo, pontos de referência para compreender o lugar da *agência* em relação aos condicionantes sociais.

No que se refere à concomitância entre estudo e trabalho, marca expressiva do que é ser jovem em condição de pobreza no Brasil, é possível que as experiências adquiridas nas relações de trabalho tenham colaborado para demonstrar a importância da ampliação das credenciais escolares na busca de ascensão econômica e social. Para esses jovens, trabalho e escola não são projetos que se excluem, mas, assim como já foi observado por Sposito (2008), são projetos que se superpõem. Pode-se dizer que ambos jogam papel decisivo na construção das expectativas de futuro dos jovens. Em uma relação de complementaridade, escola e trabalho se articulam para produzir expectativas de futuro e tornar viáveis projetos de vida.

Nem todos os jovens vivem a sua juventude como uma situação de trânsito e preparação para as responsabilidades da vida adulta. Isso significa dizer, por exemplo, que para jovens das classes populares as responsabilidades da “vida adulta”, especialmente a “pressão” para a entrada no mercado de trabalho, ou ainda a experiência da gravidez, de maternidade e de paternidade, chega enquanto esses estão experimentando um tipo determinado de vivência do tempo de juventude.

Existe um aparente paradoxo presente na melhoria das condições socioeconômicas e a persistência do trabalho entre os jovens e, em especial, os adolescentes. O trabalho estaria representando não apenas meio de subsistência. A necessidade que empurra adolescentes para os mercados laborais seria constituída também por outras mediações, tais como a busca de independência e autonomia, o valor atribuído pelas famílias ao trabalho como elemento educativo na formação dos filhos e também como meio disciplinador do caráter e controle do tempo livre juvenil em meios populares.

### Bibliografia

- ALEXANDER, J. GIESEN, B., MUNCH, R. e SMELSER, N. J. (dir). **The Micro-Macro Link**. Berkeley, University of California Press, 1987.
- ARNETT, J. J. Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence to midlife. **Journal of Adult Development**, 8, 2001, p. 133-143.
- \_\_\_\_\_. Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. **American Psychologist**, 55, 2000, p. 469-480.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Jeunesse et conjugaison des temps. **Sociologie et sociétés**, v 28, n. 1, 1996.
- AUTOR, 2015.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BOIS-REYMOND, M. du (org.). **Young parenthood, agency and social change** - UP2YOUTH "Thematic final report" Young parenthood. Leiden: University Of Leiden. 163, 2008, p. Disponível em: <[http://www.up2youth.org/downloads/task\\_doc\\_download/gid,71/index.html](http://www.up2youth.org/downloads/task_doc_download/gid,71/index.html)>. Acesso em: 05 maio 2018.
- CALVO, G. El envejecimiento de la juventud. In: **Revista Injuve** – Autonomia de la juventud em Europa, n. 71, 2005, p. 11-19.
- CARADEQ, V. & MARTUCCELLI, Danilo. Matériaux pour une sociologie de l'individu: perspectives et débats. **Presses Universitaires du Sptentrion**, France, 2004.
- CARRANO, Paulo ; COSTA, Mariane Brito. Animar Sentidos de Presença de Jovens na Escola do Recomeço. In: MALENA, Rosa (coord). **Educação Física Escolar na educação de Jovens e Adultos** . Curitiba - PR: CRV, 2011.
- COSTA NETO, P. L. de O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher. 1977, 264 p.
- DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 62, 1998, p. 13-30, abr.
- DUBET, François. **Des jeneusses et des sociologies**. Le cas français. Sociologie et société. Les jeunes. Montreal, Printemps, vol. 28, n. 1, 1996, p. 13-22.
- ELDER, G. H. Jr. Time, Human Agency, and Social Change: Perspectives on the Life Course. **Social Psychology Quarterly**, Vol. 57, No. 1. (Mar.), 1994, pp. 4-15.
- FILGUEIRA, C. H. Estrutura de oportunidades y vulnerabilidad social: Aproximaciones conceptuales recientes. In: CEPAL **Seminário vulnerabilidad**. Santiago: Cepal, 2001.
- LA MENDOLA, Salvatore. **Contrato e aperto**. Dare vita a interviste dialogiche. Torino: Utet Università, 2009.
- LECCARDI, Carmen. Facing uncertainty: temporality and biographies in the new century. In: **Nordic Journal of Youth Research**, London, vol. 13(2), 2005, 123-146.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **REIS - Revista española de investigaciones sociológicas**, n. 62, 1993, p. 193-242, abr/jun.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo**: la sociedad a escala del individuo. Santiago: Lom, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007b.
- MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2005, 374 p.
- PAIS, José Machado (2001). **Ganchos, tachos e biscates**: Jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar. 437 p.
- \_\_\_\_\_. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Traços e riscos de vida**. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis. Porto: Ambar, 2005, 262p.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: **síntese de indicadores 2016**/ IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível na Internet: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/habitacao/17270-pnad-continua.html?edicao=18264&t=sobre> Consultado em 05.05.2018
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: **síntese de indicadores 2014** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015.102 p. Disponível na Internet: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf> Consultado em 05.05.2018
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: **síntese de indicadores 2013** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - 2. ed. - Rio de Janeiro : IBGE, 2015.296 p. Disponível na Internet: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf> Consultado em 05.05.2018
- REGUILLO, Rossana. **Culturas Juveniles**: Formas políticas del desencanto. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013, 192 p.
- SPOSITO, Marília. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.) (2005). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 87-128.
- \_\_\_\_\_. Juventude e Educac?ao: interac?oes entre a educac?ao escolar e a educac?ao na?o-formal. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 33, p.83-98, 01 dez. 2008. Semestral.

[1] Para conhecer mais dados e análises do survey veja AUTOR, 2015.

[2] A divisão da cidade por zonas se deu como forma de manter critério proporcional da amostra entre as unidades de análise de bairro.

[3] Para cursar o ensino médio na modalidade EJA é preciso ter, no mínimo, 18 anos de idade.

[4] Programa de aceleração da escolarização voltado para jovens em idade regular de frequência ao ensino médio (15 a 18 anos) mas fora da idade-série esperada.

[5] Os nomes foram alterados a fim de assegurar a confidencialidade das informações.